

ÓDIO ÀS MULHERES: *INCELS* E *DOGOLACHAN*

ODIO A LAS MUJERES: *INCELS* Y *DOGOLACHAN*

HATE FOR WOMEN: *INCELS* AND *DOGOLACHAN*

ALEX DA ROSA¹

AUGUSTO JOBIM DO AMARAL²

RESUMO: A presente pesquisa trata de uma investigação sobre comunidades masculinas digitais, em especial o fórum *Dogolachan*, e suas interfaces com a série "Adolescência" (*Adolescence*, Netflix, 2025). Com plano de fundo da comunidade dos involuntariamente celibatários (*involuntary celibates* - *INCELS*), o texto apresenta uma revisão bibliográfica no campo das masculinidades acerca das classificações *INCELS* e busca compreender o processo de radicalização das masculinidades e a tônica de ódio às mulheres disseminada e multiplicada em ambientes digitais. Por fim, a pesquisa oferece uma delimitação mais precisa das caracterizações das masculinidades no campo digital entre *INCELS* e *Redpills* e explora suas semelhanças estruturais vindas de um sentimento em comum cuja resposta é a violência.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescência; Dogolachan; *INCELS*; Masculinidades.

RESUMEN: Esta investigación es una indagación sobre las comunidades digitales masculinas, especialmente el foro Dogolachan, y sus interfaces con la serie *Adolescence* (Netflix, 2025). En el contexto de la comunidad de los célibes involuntarios (*INCELS*), el texto presenta una revisión bibliográfica en el campo de las masculinidades respecto a las clasificaciones del *INCELS* y busca comprender el proceso de radicalización de las masculinidades y el tono de odio hacia las mujeres difundido y multiplicado en los entornos digitales. Finalmente, la investigación ofrece una delimitación más precisa de las caracterizaciones de las masculinidades en el ámbito digital entre *INCELS* y *Redpills* y explora sus similitudes estructurales derivadas de un sentimiento común cuya respuesta es la violencia.

PALABRAS CLAVE: Adolescencia; Dogolachan; *INCELS*; Masculinidades.

¹ Graduado em direito, filosofia e sociologia. Mestre em direitos humanos pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Doutorando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Foi professor e criador do curso pré-vestibular comunitário Navegar, hoje atua como professor na rede pública e privada. Porto Alegre (RS), Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1797-6053>. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9538205249595183>. Email: alexdarosa@hotmail.com.br.

² Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Criminais e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUCRS. Doutor em Altos Estudos Contemporâneos pela Universidade de Coimbra (Portugal). Doutor em Ciências Criminais pela PUCRS. Visiting Research Fellow na Università degli Studi di Padova (Itália) - Coimbra Group Scholarship (2018-2019) e Visiting Professor na Universidad de Sevilla (Espanha) - Capes PrInt, 2022; e na Università degli Studi di Salerno (Itália) - Erasmus, 2024. Lidera o Grupo de Pesquisa "Politicrim" (DGP/CNPq). Porto Alegre (RS), Brasil. ORCID: orcid.org/0000-0003-0874-0583. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4048832153516187>. Email: augusto.amaral@pucrs.br.

ABSTRACT: This research is an investigation into digital male communities, especially the Dogolachan forum, and its interfaces with the series *Adolescence* (Netflix, 2025). With the background of the community of involuntary celibates (INCELS), the text presents a bibliographic review in the field of masculinities regarding INCELS classifications and seeks to understand the process of radicalization of masculinities and the tone of hatred towards women disseminated and multiplied in digital environments. Finally, the research offers a more precise delimitation of the characterizations of masculinities in the digital field between INCELS and Redpills and explores their structural similarities arising from a common feeling whose response is violence.

KEYWORDS: Adolescence; Dogolachan; INCELS; Masculinities.

1 INTRODUÇÃO

Recentemente a minissérie *Adolescência* (Netflix, 2025), destacou-se pela temática da violência contra as mulheres e radicalização das juventudes a partir do ambiente digital. Tema de extrema pertinência, sintetiza uma questão que, nas últimas décadas, tem se intensificado especialmente em razão da sua particularidade virtual.

A série é um drama britânico intenso que gira em torno de Jamie Miller, um garoto de 13 anos acusado de assassinar sua colega Katie Leonard. A trama se desenrola em quatro episódios e explora não apenas a investigação do crime, mas também as consequências psicológicas e sociais desse ato em Jamie, sua família e a comunidade.

Reconstituindo o acontecimento com elementos que vão desde uma rejeição romântica do protagonista até conflitos internos familiares matrimoniais, a série levanta a questão acerca de Jamie, não propriamente como alguém genuinamente anormal e perigoso, mas quebrando a unidirecionalidade e a cristalização de papéis, para oferecer um efeito mais alargado de problematização social sobre as masculinidades que a atravessa.

Ódio às mulheres, longe de ser um tema inédito, entretanto, tem-se visto desde uma intensificação e agravamento de violências de processos de generificação a partir da estrutura digital em que as masculinidades também são produzidas. Isso é, canais virtuais passam a formar uma esfera social na qual os jovens são socializados, espaços de difícil aplicação de medidas legais, com pouca ou nenhuma moderação, tornando-se prolíficos para disseminação de cultura de ódio. A partir dessa questão, a presente pesquisa busca abordar o fórum de discussões brasileiro da *deepweb*³ *Dogolachan*, explorando quais seus principais tópicos de

³ A *deepweb* (ou "web profunda") refere-se a uma parte da internet que não é indexada pelos mecanismos de busca convencionais, como Google, Bing ou Yahoo, ou seja, não são acessíveis em resultados de buscas comuns e requerem acesso direto via links específicos e por meio de navegadores específicos como o TOR. Ainda, há uma categorização especulativa em que a *deepweb* seria caracterizada especificamente por sua condição de acesso, enquanto a *darkweb* seria, dentro da *deepweb*, a parte destinada à conteúdos ilegais e crimes (Finklea, 2017).

discussão, no campo das masculinidades, e como participam da comunidade os involuntariamente celibatários (INCELS)⁴.

Para tanto, o ensaio oferece uma revisão e levantamento bibliográfico acerca dos tipos de masculinidades tipificadas como INCEL, entre (a) opressores, (b) oprimidos e (c) ameaças, mostrando uma divergência dentro do campo de estudo das masculinidades e explorando as ramificações internas às comunidades masculinistas.

A pesquisa sugere que há uma plasticidade envolvendo o conceito INCEL, capaz de aglutinar outras expressões de masculinidade que ainda que não concordem ou subscrevam da cosmologia INCEL, contudo que participam desde um elemento fundamental, o principal objeto comum a todos os grupos e objeto de discussão: o ódio às mulheres.

Essa asserção entretanto não pode ser separada do contexto que a torna tão aguda. Há um cenário maior e mais profundo, relativo a um afetos de desesperança, perda de futuro e agudos rompimento de laços sociais, geralmente trazido a tona pela questão do *bullying* e situações de discriminação, que ensejam a violência como alternativa potencializada e amplificada por um ambiente virtual recursivamente reverbera esta condição.

2 METODOLOGIA

O argumento de Ingold (2008) de que antropologia não é etnografia levanta questões acerca da atividade etnográfica e intensifica a questão quando transposta à etnografia digital. Ingold problematiza o tradicional caminho do particular que teorizado leva a generalização, ambiente que oscila entre o particular/etnografado e universal/antropológico

Já acerca da antropologia digital, o problema dos polos etnografia/antropologia clássico ingoldiano passa por uma modificação na medida em que “Com o avanço da plataformização, realidades digitalmente mediadas passam por uma arquitetura que, do seu próprio ponto de vista, toma os usuários individuais como ambiente” (Cesarino, 2021, p. 305).

Isso leva a uma divisão na produção etnográfica/antropológica do digital que opera por ora um privilégio da agência do usuário sobre o sistema cibernético e ora uma exaltação sufocante do sistema, pela via do algoritmo e plataforma, que torna o usuário sem agência sobre si mesmo.

⁴ O termo INCEL é uma abreviação de "*involuntary celibate*" (celibatário involuntário) e descreve pessoas, geralmente homens, que se identificam como incapazes de encontrar um parceiro romântico ou sexual. O movimento INCEL surge no final da década de 90 e passou por significativas modificações, sendo hoje marcado principalmente como um movimento de ódio as mulheres, misoginia e violência (Beauchamp, 2019).

O que consiste no ambiente daquilo que pode ser etnografado, em termos de digital, muitas das vezes troca de posição com quem pode ser etnografado justamente na medida em que os usuários são vistos como todo o ambiente.

Cesarino (2021), baseando em Bateson, reconhece o argumento Ingoldiano (2008) de que sistemas orgânicos e cibernéticos não são, num primeiro momento, ontologicamente equivalentes, mas isso não torna a etnografia e/ou a antropologia digital menos relevante ou importante. Ao contrário, a transdisciplinaridade deve funcionar não como purificadora dos polos natureza/cultura, mas como integradora de ambos.

Isso é, para Ingold (2008) os sistemas orgânicos seriam autopoieticos enquanto os sistemas maquinais não seriam autopoieticos, o que delimitaria sua possibilidade ontológica. Entretanto a superação dessa cisão parte justamente por meio dessa reintegração dos campos levantada por Cesarino (2021) na medida em que se diminui a cisão entre o espaço digital e não digital, inclusive evocando a potencialidade ontológica vinda dessa dimensão técnica

Assim a presente etnografia digital, na medida que etnografa os povos modernos, justifica-se não como um estudo de um suposto outro ambiente, marcado pela cibernética e pela imaterialidade, separado do ambiente offline; não também a discussão sobre a realidade e a virtualidade, mas sim, a compreensão que a própria dimensão antropológica do homem moderno só pode ser compreendida a partir justamente dessa integração dos campos

Assim, realizando uma etnografia digital da comunidade brasileira do Dogolachan, realizou-se uma pesquisa na deepweb, rede de sites acessíveis apenas por navegadores cuja identificação do IP dos computadores não é rastreável e os sites não encontram-se em nenhum buscador tradicional, devendo os links para os sites serem encontrados manualmente.

O caminho para o Dogolachan passou por um levantamento de sites de acordo com o seguinte procedimento: acesso à diretórios de sites, que organizam os links ativos de sites por temas e áreas - um desses é acessível pelo navegador padrão, o Hidden Wiki –, que serviu como ponto inicial das buscas e fereceu caminho para as demais páginas. A partir disso, todas as outras foram encontradas manualmente por meio de indicações de conversas entre os usuários das páginas ou outros sites diretórios já na deepweb.

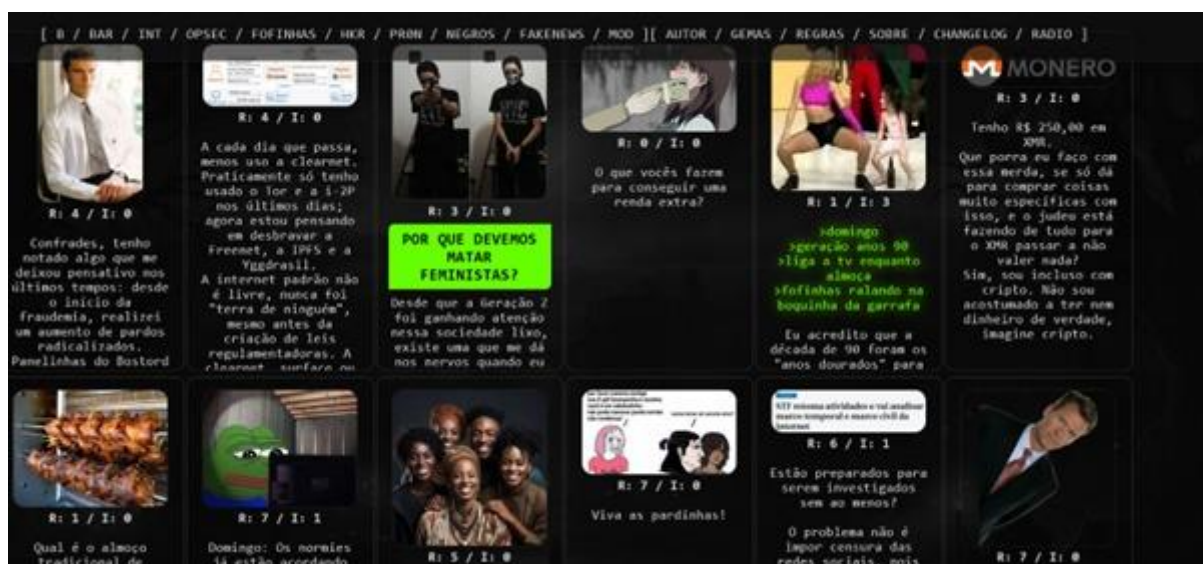
Em geral, os sites indicadas pelos diretórios subdividem-se majoritariamente em sites de venda de drogas, de armas, de bitcoins, assuntos relacionados a tecnologia, seja contratação de serviços ou objetos, e os populares “Chans”, abreviação de “channel”, que seriam os canais de conversa. Na presente investigação, mais de 70 sites foram mapeados, entre ativos e inativos, sendo desses 8 diretórios e 20 chans, sendo que destes últimos apenas 8 estavam ativos e apenas dois eram em língua portuguesa, um voltado a comunidade de Portugal, o PTChan, e outro voltado a comunidade brasileira, o DogolaChan, escolhido como objeto de pesquisa

Os Chans compartilham de uma estrutura estética e funcional muito semelhante. Alguns pedem um teste de Captcha antes de acessá-lo, outros pedem um registro, mas a grande maioria é de acesso livre. No site, há uma barra horizontal no topo da página ou uma vertical na lateral da página indicando os tópicos de discussão, chamados de boards. Dentro de um board, cada usuário pode criar um tópico de discussão dentro do respectivo board, que vai ser respondido pelos outros usuários dentro do próprio tópico de discussão, num sistema de “fio”, em que as respostas são à comentários dentro do tópico de discussão ou em resposta ao próprio tópico proposto.

Os boards são de criação exclusiva dos moderadores do site e não podem ser criados pelos usuários, já os tópicos de discussão por sua vez são de livre criação por parte dos usuários. A comunidade é bastante severa quanto à exigência de pertinência temática dos tópicos de discussão em relação ao board em questão.

A pesquisa aqui exposta foi realizada em maio de 2024, com o mapeamento de 6 boards, cada um com correspondentes tópicos de discussões, e cada um com diversos comentários não listados quantitativamente. Intitulados segundo o próprio site, estes foram os 6 tópicos encontrados: 1 - Random; 2 -Nihilismo, Existencialismo, Vazio, Falta de Sentido, Desespero existencial; 3 - Balcão de Reclamações e Sugestões; 4 - Futebol, Fórmula 1, Basquetebol, Ciclismo, Bilhar às 3 Tabelas etc.; 5 - RPG e 6 – Internacional.

Figura 1. Visão geral de toópicos no board “Random” do canal Dogolachan, março 2025



Na imagem verifica-se na barra horizontal no topo da página, da esquerda até o centro, lista de boards de discussão. Do centro até a direita, tópicos de informações sobre a página.

Abaixo a lista de tópicos de discussão no formato retangular contendo uma imagem e a provocação feita pelo tópico.

Como observa-se na imagem acima, os boards são modificados eventualmente pelos moderadores das páginas, mas a dinâmica permanece a mesma. Cada um dos retângulos acima indica um tópico de discussão criado por usuários, cujas respostas são indivadas pelo “r” na parte de baixo do retângulo, mostrando o número de interações dentro de determinado tópico.

3 INVOLUNTARIAMENTE CELIBATÁRIOS

Com visibilidade nos últimos anos, fóruns de discussão na *deepweb* ganharam evidência ao serem associados ao fomento de massacres escolares e atentados que visavam as mulheres como vítimas (Altino e Caetano, 2023). De modo geral, passou a circular com mais intensidade alguma noção acerca dos involuntariamente celibatários (INCELS) e uma suposta responsabilidade sobre os atentados, assim como o papel dos fóruns de discussão nos acontecimentos.

Os INCELS, por sua vez, podem ser descritos como uma comunidade virtual agrupada principalmente em fóruns de discussões cuja história remonta ao final da década de noventa, a partir da página *Alana’s Involuntary Celibacy Project*, em que a autora Alana buscou criar um espaço para compartilhar angústias e sensações acerca das dificuldades de encontrar um par romântico e a posição que disso desenrolava, como um celibato não opcional, ou nas palavras dos mesmos, involuntário (Beauchamp, 2019). Entretanto, o espaço originalmente criado como um espaço para partilha de angústias e compartilhamento de ideias, rapidamente tomou outros rumos após o afastamento da criadora do site e se transformou em um movimento de ódio às mulheres.

Estudados a partir do conceito de “machosfera/manosfera”, sobre os INCELS já há significativos estudos que permitem uma rigorosa aproximação da comunidade. O ambiente da machosfera, ou espaço digital masculino, não trata de um espaço homogêneo, havendo diferenças entre os grupos que o habitam - como é o caso dos sedutores, os *redpill* e os *blackpill*⁵ (Ribeiro *et al*, 2020). A maior parte dos estudos encontrados acerca da machosfera, principalmente dos INCELS, são estudos realizados a partir da superfície da *web*, com comunidades majoritariamente de língua inglesa, em sites como *incels.co* ou *reddit.com*, sites de acesso aberto cujo conteúdo possui moderação e está sujeito a disposições de legais.

⁵ Os conceitos de *redpill* e *blackpill* são termos comuns em comunidades online que discutem relacionamentos, papéis de gênero e dinâmicas sociais e derivam da metáfora da pílula vermelha e azul do filme *Matrix* (1999), onde tomar a “pílula vermelha” permite enxergar a “verdade” oculta sobre o mundo. Para eles, essa verdade seria o despertar para uma suposta verdade sobre as dinâmicas de gênero e relacionamentos em que a sociedade atual privilegiaria as mulheres em detrimento dos homens, aspecto que chamam de hipergamia feminina. Nesse sentido, os *blackpill*s seriam uma radicalização dos *redpill*s no que tange ao ódio as mulheres (Lin, 2017)

Czerwinsky (2024), num longo e sistemático trabalho de investigação acerca da produção de textos sobre os INCELS, analisando quase 100 textos de língua inglesa, encontrou majoritariamente estudos nas áreas de gênero, mas com outras abordagens como ciência da computação, linguística, criminologia, sociologia, e estudos de terrorismo – tópicos corroborados pela pesquisa do autor. Em geral, são pesquisas qualitativas baseadas na mensuração, coleta e análise de comentários dentro de comunidades específicas dos grupos.

Nesse contexto, os INCELS são estudados por pesquisadores/as dentro do campo chamado de “machosfera/manosfera”, que seria o campo de estudos digitais que abriga diversas comunidades de pautas masculinistas e/ou no campo da misoginia nas formas digitais. Assim, ainda que os INCELS constituam certo grupo privilegiado de análise, os estudos ainda figuram nesse ambiente junto a outros grupos e estudos sobre os *blackpill*, os *redpill* e *man got their own way*⁶, entre outros - comunidades digitais que vão compor a machosfera e a misoginia em ambiente digital (Ribeiro et al, 2020; Lin 2017; Nagle 2015; Czerwinsky, 2024; Van Valkenburg 2018; Ruffo, 2024, Silva, 2024)

Destaca-se o notável trabalho de Nagle (2015), que em grande medida baseia-se este artigo, que foge da maior parte das pesquisas realizadas em ambientes de acesso livre, na superfície da web, através de grupos e comunidades consolidadas que se autoconsideravam adeptas a categoria escolhida. Por essa razão, ainda que este ensaio participe de conclusões pesquisadas por outros, apresenta também algumas conclusões divergências oriundas da diferença entre a comunidade da superfície da *web* e da *deepweb*.

Sobre essa última, cumpre destacar que há uma significativa produção de material científico, tanto qualitativo quanto quantitativo, intensificado nos últimos 15 anos, que procura mensurar o tamanho da *deepweb*, seus principais sites e tipos de dinâmicas, principalmente destacando aspectos relativos à segurança e à criminalidade (Raman et al 2023; Geourgoulas et al 2023; Orsolini et al 2017; Finklea, 2017).

Retornando ao ponto central, em literatura internacional, destacam-se os trabalhos recentes de Halpin (2022), Tranchese e Sugiura (2021), Preston, Halpin e Maguire (2021), Ging (2019), Lee (2019), Banet-Weiser e Miltner (2015) e Jane (2016) como importantes na compreensão da difusão da misoginia pelas redes virtuais e sua eventual cristalização nos grupos INCELS. Enquanto os 4 primeiros discutem especificamente a comunidade INCEL, os

⁶ “os MGTOW, costumam apresentar um discurso extremista e compactuam com ideias recorrentes na manosfera de que vivemos em uma sociedade misândrica e ginocêntrica. Um dos princípios norteadores do MGTOW é rejeitar o casamento, o amor romântico e o cavalheirismo pois, para eles, estes se tratam de “costumes ginocêntricos” que acabam por levar à servidão masculina. Esse grupo usa um símbolo próprio que se assemelha a uma placa de trânsito, onde há uma seta saindo de um traço central, o que para eles representaria o abandono ao casamento e à sociedade em geral” (Silva, 2022, p. 28)

demais discutem aspectos da misoginia na *web*, seja no *tinder* (Lee, 2019) ou em redes sociais (Banet-Weiser; Miltner, 2015).

Dos trabalhos que discutem a comunidade INCEL diretamente, aquele que apresenta uma análise não exclusiva de algum subtópico do *reddit* é o trabalho de Ging (2019) que trabalha por meio de referências cruzadas (palavras-chave temáticas), ainda que no fim reconheça uma predominância do *reddit* como espaço de discussão e agrupamento privilegiado dos INCELS. Desse grupo, como dito, o esforço que se destaca por abordar a questão a partir da *deepweb* são os trabalhos de Nagle (2015;2016; 2017).

Acerca da literatura sobre o tema, Czerwinsky (2024) oferece uma interessante perspectiva acerca da classificação dos trabalhos destinados ao tema. Para a autora, os trabalhos sobre a comunidade INCEL costumam se dividir em três categorias: a primeira classifica os INCELS como *opressores*, a segunda percebe os INCELS como *oprimidos* e a terceira percebe os INCELS como uma *ameaça*. O principal problema, segunda a autora, é que a classificação atual utilizada para os INCELS deixa incerta suas características, assim como fomenta uma espécie de generalização que implica em imprecisões teóricas:

(...) o foco em incels como apenas homens misóginos impede espaços mais periféricos que discutem questões de celibato involuntário de participar de nossas análises, criando uma representação errônea da incelsfera mais ampla e mascarando a experiência e influências daqueles que podem se identificar como celibatários involuntários, mas que podem não adotar as cosmovisões amarradas a incels misóginos.(...) Há uma necessidade para acadêmicos e profissionais adotarem uma linguagem que distinga partes específicas da comunidade INCEL e suas ideologias – especificamente aquelas que estão ligadas à misoginia e à supremacia masculina – da identificação pessoal de ser celibatário involuntário. Termos como INCEL-misoginista(s), INCEL-não violento(s) e INCEL-autoidentificado(s) são importantes para ajudar a criar nuances dentro da nossa compreensão da comunidade incel mais ampla (...) (Czerwinsky, 2024, p. 208 – tradução livre).

Essa classificação sugerida aos trabalhos compreende bem parte de como os próprios INCELS veem a si próprios, perspectivas que aparecem na pluralidade de discursos e ajudam a compreender o tom não monolítico do movimento. Acerca da primeira classificação, há trabalhos que exploram a comunidade INCEL a partir da dimensão sexista e misógina exposta por eles, (a) INCELS como *opressores*, principalmente no que versa sobre a sua cosmovisão sobre os papéis de gênero e da proposta teórica formulada por eles sobre uma sociedade hipergâmica.

Trabalhos como Lindsay (2021), Valkenburgh (2018) e Jane (2016) destacam a visão INCEL de que a distribuição de parceiros sexuais estaria em desequilíbrio. As razões desses desequilíbrios, segundo eles, podem ser duas: a natureza feminina e/ou consequência do feminismo e do empoderamento feminino. Na visão INCEL, as mulheres buscam pelo *chad*

(homens dominantes) que são poucos, seja porque naturalmente são assim, pelos atributos físicos ou porque conquistaram essa posição socialmente. Na visão INCEL, poucos homens teriam múltiplas mulheres a sua disposição enquanto muitos homens disporiam de uma pequena parcela de mulheres interessadas neles. O interessante estudo de Gothard *et. al.* (2021, p. 9 – tradução livre) investiga quantitativamente e mensura as proposições INCELS:

Outros populares temas incels estão representados nesta lista de bigramas e trigramas, como o princípio de Pareto, ou “Regra 80/20”. Os incels costumam afirmar que homens e mulheres são classificados por atratividade, o 80% das mulheres procuram relacionamentos com 20% dos homens, deixando os 80% mais desfavorecidos dos homens procuram relacionamentos com os 20% de mulheres mais desfavorecidas. Este princípio é muitas vezes referido como a base porque os incels não conseguem criar relacionamentos com sucesso e está enraizado na suposição de que as mulheres são hipergâmicas, ou que apenas procuram relacionamentos com homens que são mais atraentes do que eles.

Entretanto o que estruturaria essa distribuição desigual entre os pares costuma oscilar entre dimensões biológicas e culturais, com predominância do primeiro argumento sobre o segundo. Essa ideia fundamenta boa parte da visão desse grupo INCEL, agrupando também sob essa caracterização grupos *redpill* e *blackpill*, sendo a descoberta autorreferenciada por esses grupos – tomar a pílula - justamente o reconhecimento da suposta estrutura de distribuição de pares na sociedade.

Já outro grupo de estudos parte da perspectiva, não necessariamente paradigmática, mas influente, dos (b) INCELS como *vítimas*. Esse grupo destaca principalmente o que os teóricos da masculinidade chamaram de "masculinidades híbridas" (Ging, 2019; Nagle, 2015; Halpin *et al* 2021; Bridges e Pascoe 2014), ou seja, uma certa variação da performatividade de gênero por parte dos homens INCELS a partir das suas relações com homens dominantes, os *chads*. A ideia de vítima parte da noção de inferioridade que os INCELS atribuem a si perante os homens dominantes. Nesse sentido, a discussão dá-se a partir da distância entre a performance de masculinidade hegemônica e a performance realizada pelos INCELS. Enquanto os *chads* seriam os alfas, eles seriam os betas. A ideia de masculinidades híbridas seria a utilização ora de aspectos hegemônicos ora de aspectos não hegemônicos da performance masculina para benefício próprio.

Halpin (2022, p. 831 – tradução livre) utiliza o conceito de “*Weaponized Subordination*” (subordinação como arma, subordinação como ferramenta ou subordinação estratégica),

⁷ Para algumas comunidades digitais, especialmente os INCELS, "chad" refere-se a um arquétipo masculino idealizado como um homem atraente, fisicamente dominante, socialmente confiante e sexualmente bem-sucedido. O *chad* possuiria tais atributos a partir de sua condição biológica, determinando a quantidade disponíveis de parceiras sexuais para eles, que disporiam de múltiplas parceiras enquanto os demais ficariam sem. Essa mesma ideia aparece com a nomenclatura de ALFA. Tal como o primeiro, um homem dominante sexualmente bem-sucedido, que equivale ao *chad*, enquanto os demais seriam BETAS, não dominantes.

argumentando que os INCELS inferiorizam-se perante as masculinidades dominantes, mas sem renunciar à posição hegemônica em relação à estruturação de gênero patriarcal da sociedade:

A masculinidade híbrida dos incels envolve “pegando emprestado de cima”, pois se definem como subordinados, “homens fracassados”, ao mesmo tempo em que adotam uma orientação hegemônica para a subjugação das mulheres. Isto é, os homens favorecidos “pegam emprestado de baixo” para disfarçar a suas práticas hegemônicas e os incels “pegam emprestado de cima” para misturar sua subordinação com misoginia agressiva e violência. Subordinação como arma é uma prática distintamente híbrida: os Incels se situam como “lixos genéticos”, exaltam os *chads* que os atacam e realizam práticas misóginas que eles imaginam que *chads* podem desfrutar.

A discussão acerca da performance de masculinidades híbridas dentro do contexto da manofera não deixa de envolver argumentos como o de Ging (2019) que acabam por reforçar a performance INCEL, desde a maneira como estes percebem e consideram a si mesmos, como vítimas do feminismo. Assim, as características masculinas performadas seriam, segundo este exdrúxulo aporte neoconservador, uma resposta necessária e inevitável às demandas do feminismo contemporâneo.

Bridges e Pascoe (2014) argumentam acerca da hibridez masculina como o processo em que a performance de masculinidade passou a incorporar elementos não tipicamente masculinos, mas associados a cultura gay entre outras performances não hegemônicas, como uma certa estratégia de distanciamento das performances hegemônicas. Nessa esteira, Halpin (2022) sugere que esse distanciamento é estratégico no sentido de ser usado como ferramenta. Para Halpin (2022), os INCELS reconhecem a sua subordinação em relação aos *chads* e utilizam dessa posição para legitimar as práticas hegemônicas. Em outras palavras, é como se usassem do reconhecimento de uma hierarquia como forma de intensificação da mesma, reforçando que na distribuição das posições, ainda que os *chads* sejam superiores a eles, as mulheres ocupam uma posição ainda abaixo.

Por fim, o terceiro grupo de estudos caracteriza os INCELS (c) como uma *ameaça*, relacionando-os principalmente à violência no ambiente digital e aos massacres escolares. Esse grupo de estudos aproxima-se da interpretação dos INCELS como um risco à segurança pública e busca rastrear e classificar largamente acontecimentos dentro do marco INCEL. Autores como DeCook e Kelly (2022), Blake *et. al.* (2020) e Saptura e Boyle (2020) representam esse conjunto de análises que focam numa ampla interpretação do que poderia remeter ao INCEL, agrupando diversas características masculinistas, misóginas e violentas como seus traços, inclusive sugerindo sinais INCELS antes do próprio surgimento do site que intitulou o movimento. Essa literatura apoia-se principalmente nos massacres em que os autores se identificam como INCELS e expõem suas motivações - como num dos mais

emblemáticos casos, de Eliot Roger⁸ (2014, p. 1), que em seu manifesto descreve suas motivações para o massacre:

Humanidade... Todo o meu sofrimento neste mundo foi nas mãos da humanidade, particularmente das mulheres. Isso me fez perceber a quão brutal e distorcida a humanidade é como espécie. Tudo o que eu sempre quis foi me encaixar e viver uma vida feliz entre a humanidade, mas fui expulso e rejeitado, forçado a suportar uma existência de solidão e insignificância, tudo porque as fêmeas da espécie humana eram incapazes de ver o valor em mim. Esta é a história de como eu, Elliot Rodger, vim a ser. Esta é a história de toda a minha vida. É uma história sombria de tristeza, raiva e ódio. É uma história de uma guerra contra a injustiça cruel. Nesta história magnífica, vou revelar cada detalhe sobre minha vida, cada experiência significativa que tirei da minha memória superior, bem como como essas experiências moldaram minhas visões do mundo. Esta tragédia não precisava acontecer. Eu não queria que as coisas acontecessem dessa forma, mas a humanidade forçou minha mão, e esta história explicará o porquê. Minha vida não começou sombria e distorcida. Comecei como uma criança feliz e abençoada, vivendo minha vida ao máximo em um mundo que eu achava bom e puro (tradução livre).

A questão de gênero parece ser sem dúvida decisiva e inescapável aos INCELS, o ódio às mulheres é o elemento central. Assim pode-se perceber o quanto o próprio movimento INCEL participa de um cenário maior e profundo, como sugerido por Bifo (2015). Além dos *hikikomori*⁹, o autor italiano destaca as diversas facetas do colapso social e afetivo da contemporaneidade e o sofrimento próprio desse tempo, como o suicídio de militares nos EUA que supera as baixas em guerra e os próprios massacres em escolas - episódios esses que surgem como efeito de situação de sofrimento mental.

Utilizando como base a própria descrição de Roger (2014), enfatiza-se um aspecto crítico do discurso em relação ao adoecimento psíquico, o isolamento social, o sentimento de injustiça, um profundo niilismo organizado pelo universo existencial desses sujeitos, espaço em que a suposta assimetria da disponibilidade de mulheres – hipótese hipergâmica – seria o pontapé ou o ponto final dessa compreensão cosmológica.

Longe de qualquer exculpação ética produzida por qualquer tipo de justificação que poderia ser lida desde aí, o que parece necessário frisar é o quanto a questão de gênero e a misoginia que o carrega é um sintoma social difuso e compartilhado, fundamental para as formas de subjetivação que informam nossas relações sociais, em que o fenômeno INCEL é

⁸ Elliot Rodger foi o autor de um ataque em Isla Vista, Califórnia, em 23 de maio de 2014, que ficou conhecido como o "Massacre de Isla Vista". Ele matou seis pessoas e feriu outras 14 antes de tirar a própria vida (BBC, 2018).

⁹ *Hikikomori* é um termo japonês que significa "isolado" ou "recluso". Ele é usado para descrever um fenômeno social em que indivíduos, geralmente jovens, optam por um isolamento extremo, evitando contato social e permanecendo confinados em suas casas, muitas vezes em seus próprios quartos, por longos períodos, que podem durar meses ou até anos (BIFO, 2015).

uma espécie de territorialização de uma condição contemporânea atinente à forma como viemos constituindo nossos processos de individualização na modernidade (BUTLER, 2024).

4 DOGOLACHAN: INCELS E BLACK PILLS

O *Dogolachan* ganhou notoriedade por seu conteúdo violento e ilegal, surgindo como uma espécie de sucessor do extinto *Dogolachan.org*, que por sua vez era uma ramificação do *4chan*, um famoso fórum da internet conhecido por seus conteúdos – dentre outros temas – vinculados a crimes e violência. Originalmente dedicado às discussões sobre jogos e cultura *nerd*, rapidamente tornou-se um espaço para a disseminação de ódio, intolerância, pornografia ilegal, especialmente infantil, e principalmente orientado ao estímulo de linchamentos virtuais e massacres escolares. O fórum era conhecido por abrigar membros extremistas de direita e promover discursos de ódio contra minorias, mulheres e grupos religiosos, até que seu fundador foi preso em 2018 pelos crimes de pedofilia, ameaça e racismo – dando fim ao registro oficial do canal.

A escalada de fama do canal teve ponto privilegiado após o massacre de realengo (2011)¹⁰, entusiasticamente comemorado pelos usuários, exaltando positivamente o acontecido. Juntamente ao massacre de Suzano (2019)¹¹, cujos autores nos anos anteriores tinham ali exposto seus planos e motivações. A retomada do site em 2024 mobilizou usuários de outros *chans*, em razão de sua história e pela procura por um grande fórum brasileiro consolidado desde a ausência do próprio *Dogolachan.org*. Assim, talvez por sua recém volta, são poucos os tópicos de discussão disponíveis no site. No segundo semestre de 2024, o site novamente ficou fora do ar, até retornar em fevereiro de 2025.

A pesquisa aqui exposta foi realizada em maio de 2024, desde o mapeamento de 6 boards, cada um com correspondentes tópicos de discussões, e cada um com diversos comentários não listados quantitativamente. Intitulados segundo o próprio site, estes foram os 6 tópicos encontrados: 1 - Random; 2 - Nihilismo, Existencialismo, Vazio, Falta de Sentido, Desespero existencial; 3 - Balcão de Reclamações e Sugestões; 4 - Futebol, Fórmula 1, Basquetebol, Ciclismo, Bilhar às 3 Tabelas etc.; 5 - RPG e 6 – Internacional.

¹⁰ O massacre de Realengo foi um trágico ataque ocorrido em 7 de abril de 2011, na Escola Municipal Tasso da Silveira, no bairro de Realengo, no Rio de Janeiro, Brasil. Wellington Menezes de Oliveira, de 23 anos, invadiu a escola armado e abriu fogo contra alunos em salas de aula. Ele matou 12 crianças, com idades entre 12 e 14 anos, e feriu outras 12 antes de tirar a própria vida ao ser confrontado pela polícia (Bernardo, 2021).

¹¹ O massacre de Suzano foi um ataque realizado em 13 de março de 2019 na Escola Estadual Raul Brasil, em Suzano, São Paulo. Guilherme Tauci Monteiro, de 17 anos, e Luiz Henrique de Castro, de 25 anos, ex-alunos da instituição, invadiram a escola armados, matando cinco estudantes e dois funcionários. Antes do ataque, Guilherme assassinou seu tio em uma loja próxima. Após o atentado, Luiz matou o cúmplice e tirou a própria vida (Sudré, 2020).

O conteúdo é extremamente violento e explícito, evidenciando uma diferença significativa em relação às comunidades europeias e americanas. Do board 1 Random, o maior e mais ativo, destaco alguns dos tópicos de discussão, como um dedicado a criticar os “paneiros” a partir da notícia da prisão de um jovem brasileiro (07/05/2024) por incitar nos *chans e discord* ameaças a deputadas e vereadoras em 2023. É uma posição que, paradoxalmente em parte, não condena as ações, mas o caminho para tal – as painéis – e, ao mesmo tempo, chama a atenção da polícia para a *deepweb*.

Dois outros tópicos dentro do board defendem o direito à pedofilia, argumentando que apenas nesse estado infantil as mulheres não estariam ainda corrompidas e preservariam seus valores puros, usando para tal nomenclaturas como “loli” ou “fofinhas”, mas sem prejuízo a referências diretas de defesa da pedofilia. Num sentido parecido, outro tópico é dedicado a fotos de garotas estudantes e crianças em uniformes escolares – ainda que sem rosto e sem nudez.

O argumento central deles é que as mulheres ao adentrarem na puberdade passariam a ser corrompidas pelos valores da sociedade contemporânea, pelo “marxismo cultural”, termo que aparece com frequência, o que as excluiria da posição de parceira possível. Na verdade, para eles, não há mulher possível, apenas crianças. Todas as mulheres são marcadas por uma corrupção vinculada à liberdade sexual. Ainda aqueles que possuem parceira, as odeiam e descrevem sua relação exclusivamente numa dimensão de função social e necessidade biológica do sexo, daí o termo popular entre eles para se referir às mulheres como “depósito de porra”. Nesse sentido, a pedofilia surge como uma espécie de consequência inevitável, pois, quanto mais cedo tiverem acesso as crianças, mais terão experiências sexuais puras com mulheres nesta condição, argumento defendido explicitamente de modo categórica.

Por fim, já no board 2 Nihilismo e vazio existencial, destaco três tópicos, um de um usuário que diz ser nordestino e odiar o povo nordestino. Seguindo a argumentação semelhante ao tópico anterior, defende e exalta casos de massacres, homicídios, estupros, tendo como referência o cangaceiro Lampião. No caso do ódio ao povo nordestino, o usuário foi severamente criticado por outros usuários, os acusando de estar querendo chamar atenção – ao que dão o nome de “Jorge” – e de ser provavelmente pardo. Outro tópico relevante a se destacar é composto por uma discussão que parte de duas imagens em forma de meme: por um lado, uma mão segurando uma pílula preta em referência a *blackpill* e, por outro, uma imagem de um homem *chad* dizendo que sexo não é tudo na vida, seguido do seguinte texto com algumas respostas:

-> [Texto inicial] Os mesmos idiotas que dizem isso fazem sexo 24 horas por dia, 7 dias por semana. Tente viver com isso, passando toda a sua vida sozinha, sem nunca experimentar o toque caloroso de uma bela mulher, sem saber como é realmente ser íntimo, beijar uma mulher e sentir seus lábios macios.

Sendo considerado por todos como nada mais do que uma aberração por causa da sua aparência e deficiência.

Perdendo os melhores anos da sua vida porque ninguém quer estar com você. Sua única alegria é jogar videogame, comer e se masturbar. Indo para a cama todas as noites, temendo o dia seguinte e desejando não ter que acordar.

A maioria dos homens na Terra vai envelhecer e desejar companhia. Embora alguns possam conseguir funcionar sem ela, isso não é verdade para a maioria. Quando você está sozinho, a vida pode ser bastante terrível. Os seres humanos são seres sociais, portanto, o que as outras pessoas pensam é importante. Não é tão simples quanto "encontre outras coisas que te façam feliz.

Não suporto essa declaração ridícula. [sexo não é tudo na vida]

-> [Resposta] Primeiramente, não é verdade. Tudo o que todo mundo faz na vida é para conseguir sexo futuro. Em segundo lugar, sou um macho alfa com testosterona e um pênis que precisa ser usado. É minha missão biológica. Não suporto quando merdalheres assexuadas dizem para eu apenas ser feliz e não me preocupar tanto. Tenho vontade de estrangulá-las.

->[Resposta] Então eu continuo correto. O problema não é sexo, é amor. Agora aqui vai a verdadeira blackpill, mulher não é capaz de amar homem. O amor de uma mulher está reservado apenas para ela mesma e sua prole (às vezes nem isso). O "amor" de uma mulher para com um homem é 100% transacional e depende do que o homem pode prover para ela. O máximo de sentimento que elas possuem é o de paixão, desejo por alguém que as domine, nada mais, nada próximo do que seria um sentimento de amor. Somente homens são capazes de amar verdadeiramente. Um amor que não pede nada de volta, um amor sacrificial. O maior erro é achar que as depósitos de porra são capazes de corresponder com o mesmo sentimento, não são. O erro é achar que elas são iguais a nós, não são. Pode ser difícil de aceitar essa verdade considerando a constante lavagem cerebral a respeito do mito da igualdade, porém, o curioso é que nem sempre foi assim. Uma leitura atenta dos filósofos do passado revela que esse conhecimento era senso comum. A falta de uma formação clássica, da leitura dos textos originais, traz grande dano para a sociedade atual, em especial aos homens. É incrivelmente estúpido aceitar o que foi ensinado pela escola como verdade.

(3 de junho de 2024, usuários anônimos, discussão ocorrida da tábula "/b/" do *dogolachan*).

A discussão traz à tona diversos aspectos da comunidade. Em primeiro lugar, parte-se de um ambiente de tristeza e rejeição, seguido de uma autoafirmação positiva a partir de um mundo estruturado contrariamente a eles. O termo "depósito de porra", ao ser expressão máxima de objetificação e despersonalização da mulher, ativa o esquema interpretativo INCEL, sua cosmologia, baseada principalmente no caráter fixo e natural das supostas diferenças biológicas entre os gêneros.

Portanto, percebem-se os diferentes caminhos atrelados reiteradamente aos chamados INCELS, ou seja, a tomada do caminho da violência como resposta a diferença biológica refletida socialmente nas posições entre homens e mulheres, no sentido de promover uma aniquilação deste mundo frente uma situação que não tem mais saída. Não sem algum dose de cinismo, acaba por englobar seu imediato oposto, afirmando justamente a natureza masculina pelo direito de dominação dos homens sobre as mulheres, resguardando-as justamente a posição passiva de depósito e utilizando da violência para garantir a dominação natural sobre o cultural que deve ser do homem sobre a mulher.

Entretanto, com o passar do tempo, em que pese sua propagação inédita inédita, ao que parece, há uma narrativa praticamente hegemônica que se pretende justificada biologicamente e distribuída socialmente. Nessa visão, a mulher seria naturalmente hipergâmica, adepta a diversos parceiros, sendo uns já predeterminados biologicamente, pois nasceriam belos enquanto outros, nascidos feitos, estariam condenados a não possuírem parceiras. Trata-se de uma visão, para dizer o menos, que desimplica o indivíduo e culpabiliza as mulheres por sua sofrida rejeição. Além disso, nessa inversão, buscam afirmação conceituando politicamente o termo de forma positiva: INCELS são aqueles que não sucumbem à estrutura de distribuição sexual da sociedade, distribuída entre mulheres e os homens geneticamente privilegiados.

Nisso reside, a rigor, por outro lado, a complexidade do termo e a impossibilidade de dotá-lo de uniformidade. Para uma enorme parcela da população poderiam os incels serem vistos fracassados porque não conseguem nem se relacionar com mulheres nem buscarem melhorar a si mesmos para que consigam seus objetivos. Esse ponto limítrofe é, ao mesmo tempo, a linha que, com frequência, conecta/separa os incels ao movimento *redpill* ou *blackpill*. Nesses movimentos, há uma compreensão comum aos INCELS de que há um sistema de organização social que privilegia as mulheres, mas para estes isso não é fruto de um arranjo biológico, mas sim de uma construção cultural contemporânea, a agenda progressista *woke*¹². Para os *redpill* (não sem razão tão frequentes no mundo *fitness* e musculação), ainda que a sociedade privilegie as mulheres, você deve buscar corresponder ao homem ideal – macho alfa etc. – para assim conseguir sua parceira.

Para os incels, a estrutura social é dada biologicamente, para os *redpill*s é culturalmente. Para os incels, o que predomina é o niilismo, a perda de sentido, visto que estão condenados a sua posição social em virtude da ordem biológica que os predeterminada. Para os *redpill*s, predomina um movimento antissistema que busca restabelecer as dinâmicas dos tradicionais papéis de gênero do homem provedor e mulher cuidadora. De certa forma, é como se imaginassem uma sociedade tal qual a referida no conto de aia (Fagundes *et al*, 2023).

Ainda nas diferenças, a maneira que pela qual ambos veem o mundo e a intervenção nele é diferente. Os INCELS afirmam-se positivamente como vítimas da ordem social, estabelecendo um orgulho INCEL. Noutros termos, há a produção de um modo de aceitação necessário para assimilar certas frustrações internas, mas como não há como resolver

¹² "Woke" participa da ideia de despertar e é um termo vinculado a comportamentos ou discursos que descrevem qualquer postura progressista relacionada a questões de igualdade, como feminismo, direitos LGBTQIA+, antirracismo e ambientalismo. Para os conservadores, pautas progressistas estão sendo difundidas na cultura como forma de estabelecimento de dominação ideológica e servem como ferramenta de silenciamento as pautas conservadoras (BBC, 2024). A "agenda woke" seria hegemônica, inclusive por parte do capitalismo, que estaria colocando em xeque os valores conservadores e que por fim faz com que certos grupos conservadores se vejam em posições antiestruturais em relação ao que consideram hegemônico, em termos culturais, ainda que alinhados ao capitalismo.

completamente esta condição de frustração pela impossibilidade de mudança estrutural biológica - devido ao orgulho de ainda assim fazer parte do grupo -, assumem uma posição absolutamente destrutiva com relação aos outros.

Aqui aparecem reiteradamente as referências a um mundo condenado, decadente, às pessoas impuras, enquanto apenas eles aparecem como santos – justamente pela virgindade –, assumindo a posição messiânica de redimir o mundo e salvá-lo de seu estado atual, momento em que surgem os massacres escolares. Reforçando a dimensão de condenação do mundo, noutra tábua ainda dentro do board 2, um usuário promete realizar um massacre, ou “actvms sanctvms” – ato santo -, seguido de fotos de uma pistola e o seguinte texto:

Acabei de comprar o meu ingresso para o evento NEGRARTE, que vai ocorrer agora dia 17 de maio em Diáspora ali na Av. Rebouças. Este é o evento perfeito, lotado de macacos, lésbicas e homossexuais em que vou chamar atenção para a comunidade incel. Eu já estou cansado e fodido nessa vida e o mundo parece caminhar cada vez mais para a degeneração. *Talvez se alguma mulher descende ou empresa tivesse me dado oportunidade eu não precisaria fazer o que irei fazer.* Levarei comigo a vossa mensagem. As minhas ferramentas da purificação já estão prontas para uso. Esses pretos irão desejar nunca terem nascido. O dia da retribuição chegou (destaque nosso). (2 de maio de 2024, usuário anônimo, discussão ocorrida na tábua “”/Random/” do Dogolachan).

Os massacres escolares acabam por representar um os possíveis efeitos de uma visão que os INCELS tem sobre si mesmos, o papel social que ocupam, um duplo de vítima-agente no qual ao assumir um papel de orgulho sobre si – evitando uma visão fracassada de si mesmo - precisa ser justificado como vetor de purificação do mundo.

Já os *redpill*, por sua vez, pouco distintamente, aderem mais facilmente às teorias conspiratórias atribuídas à agenda *woke*, responsável por desfazer os papéis tradicionais de gênero que eles agora tentam resgar, justamente numa afirmação exacerbada de masculinidade (exigência de hiperfeminilidade entre outros), motivações divergentes daquelas dos incels. Enfim, não é possível afirmar uma unidade de movimento ou até mesmo coerência interna entre seus princípios.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A série *Adolescência* (Netflix, 2025) explora a importância da compreensão dos processos de formação e identificações sociais. Incitam no espectador, em especial a partir do plano contínuo de filmagem que busca uma adesão, intimidade e imersão no contexto da história, questões sobre *e se*: *e se* o protagonista não tivesse se envolvido com fóruns digitais sua conduta seria diversa? Ou: como num ambiente familiar aparentemente controlado pode se desenvolver um processo de individuação tão estranho à dinâmica familiar? E se a escola tivesse controlado melhor a antecipado situações conflitantes entre os alunos? *E se...*

O que, em realidade, conduz a série é para a complexidade e a fuga das fórmulas fáceis que associam papéis estantes de culpados e vítimas. Ademais, pulverizam estas posições binárias ao mesmo tempo que responsabilizam de modo concreto os modos que viemos construindo nossas relações de poder, através das estratégias econômicas, sexuais, educacionais, afetivas etc. que não deixarão pensar tais fenômenos como acidentais. O ambiente digital é mais uma dimensão da realidade misógina que produzimos nossa civilização e modo privilegiado sobre como também temos modulado nossas corporeidades. Espaços de eco que, em sua recursividade, ressoam e canalizam violências de emergências múltiplas.

O caso dos incels é mais um ponto necessário de análise e atenção. Se eles se enxergam como prejudicados, vulnerabilizados, perseguidos e injustiçados pelo mundo, uma pergunta fundamental a ser respondida passa a ser: porque então, diante de um sentimento vivenciado de modo tão difuso e intenso por todos, emerge este tipo de violência de expressão masculinista? Alguma pista poderia vir do fato de que, como se examinou ao longo do ensaio, necessário antes, para a cosmovisão incel, sentir-se como merecedor de algo que lhe foi retirado - esbulho realizado, obviamente, pela condição feminina - o que flagrantemente esconde uma suposta superioridade que lhe foi solapada. Em síntese, um medo reativo como afeto central que vai encontrar na formação misógina do nosso cotidiano fôlego e inspiração suficiente para radicalização.

Espaços de socialização digital, como fóruns examinados, não possuem nada que não corresponda, em alguma medida, às demais interações. Misoginia, racismo e xenofobia não são particularidades do ambiente digital, mas são intensificadas recursivamente, também como modelo de negócio, oferecendo um caminho convidativo para radicalização. O ódio às mulheres tem se mostrado elemento propulsor de novas gerações, especialmente no que diz respeito aos INCELS. Não precisa ser um INCEL para odiar mulheres ou, de algum modo, requerer a reestruturação dos papéis de gênero (momento em que surgem os *redpills* – na versão afirmativa de reestruturação dos papéis tradicionais a partir da afirmação dos gêneros – e os *blackpills* – na versão destrutiva em que almejam a completa submissão da mulher e no limite o fim da sociedade). Tais elementos compõem a rotina das vulnerabilizações de uma sociedade antifeminista, bastando emulá-las digitalmente ao extremo.

REFERÊNCIAS

ADOLESCÊNCIA. Jack Thorne e Stephen Graham. Direção: Philip Barantini. Reino Unido: Warp Films, Matriarch Productions, Plan B Entertainment, 2025. Disponível em: <https://www.netflix.com/pt/title/81756069>.

ALTINO, Lucas; CAETANO, Guilherme. *Entenda como coordenação nacional de investigações digitais pode prevenir ataques às escolas*. O Globo, 2023. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2023/03/entenda-como-coordenacao-nacional-de-investigacoes-digitais-pode-prevenir-ataques-as-escolas.ghtml>. Acesso em: 8 dez. 2024.

AZEVEDO, Tatiana; OLIVEIRA, Letícia. “Panelas” do Discord estão por trás de invasão de conta de Janja no X. *Diário do mundo*. 2023. Disponível em: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/nao-teve-hackeamento-janja/>. Acesso em: 10 dez. 2024

BANET-WEISER, Sarah; MILTNER, Kate. #MasculinitySoFragile: culture, structure, and networked misogyny. *Feminist Media Studies*, v. 16, n. 1, 171–174, 2016. Doi: <https://doi.org/10.1080/14680777.2016.1120490>.

BBC. *Elliot Rodger: How misogynist killer became 'incel hero'*, 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-us-canada-43892189>. Acesso em: 9 jan. 2025.

BBC. *O que é 'woke' e porque termo gera batalha cultural e política nos EUA*. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cy4y82w737do>. Acesso em: 7 dez. 2024.

BEAUCHAMP, Zack. *Our incel problem*. VOX, 2019. Disponível em: <https://www.vox.com/the-highlight/2019/4/16/18287446/incel-definition-reddit>. Acesso em 01 de dez de 2024.

BERNARDO, André. *Massacre de Realengo: os 10 anos do ataque a escola que deixou 12 mortos e chocou o Brasil*. BBC, 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56657419>. Acesso em 11 de dez de 2024.

BIFO, Franco Berardi. *Heroes: mass murder and suicide*. London: Verso, 2015.

BLAKE K; GODWIN M. “I sexually identify as an Attack Helicopter”: Incels, trolls, and non-binary gender politics online. *First Monday* 25(9), 2020.

BRIDGES, Tristan; PASCOE, Cheri Jo. Hybrid masculinities: New directions in the sociology of men and masculinities. *Sociology Compass*, v. 8, n. 3, p. 246–58, 2014.

BUTLER, Judith. *Quem tem medo do gênero*. Tradução Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2024.

CAMPOS, Ana Cristina. *Polícia apreende jovens que praticavam violência sexual pela internet*, 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-06/policia-apreende-jovens-que-praticavam-violencia-sexual-pela-internet>. Acesso em 12 de dez de 2024

CESARINO, Letícia. Antropologia digital não é etnografia: explicação cibernética e transdisciplinaridade. *Civitas: revista de Ciências Sociais, [S. l.]*, v. 21, n. 2, p. 304–315, 2021. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrio.br/civitas/article/view/39872>. Acesso em: 28 dez. 2024.

CZERWINSKY, Allys. Misogynist incels gone mainstream: A critical review of the current directions in incel-focused research. *YOUNG*, 20(2), 400-418, 2024.

DECOOK, J; KELLY, M. Interrogating the “incel menace”: The threat of male supremacy in terrorism studies. *Critical Studies on Terrorism*, 2022.

FINKLEA, Kristin. *Dark Web*. Congressional Research Service, 2017.

FAGUNDES, B. D. A. .; NASCIMENTO, V. de J. "O conto da aia": entre realidade e distopia. *ANAMORPHOSIS - Revista Internacional de Direito e Literatura*, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. e988, 2023. Disponível em: <https://periodicos.rdl.org.br/anamps/article/view/988>. Acesso em: 4 jul. 2025

GEOURGOULIAS, Dimitrius *et al.* *Botnet Business Models, Takedown Attempts, and the Darkweb Market: A Survey*. *ACM Comput. Surv.* 55, 11, Article 219 (November 2023), 39 pages. <https://doi.org/10.1145/3575808>, 2023.

GING, Debbie. *Alphas, Betas, and Incels: Theorizing the Masculinities of the Manosphere*. *Men and Masculinities*, 22(4), 638-657. <https://doi.org/10.1177/1097184X17706401>, 2019.

GOTHARD, Kelly; DEWHURST, David Rushing; MINOT, Joshua R.; ADAMS, Jane Lydia; DANFORTH, Christopher M.; DODDS, Peter Sheridan. The incel lexicon: deciphering the emergent cryptolect of a global misogynistic community. *Arxiv*, [S.L.], v. 18, n. 6, p. 1-18, maio 2021. ArXiv. <http://dx.doi.org/10.48550/ARXIV.2105.12006>, 2021.

HALPIN, Michael. Weaponized Subordination: how incels discredit themselves to degrade women. *Gender & Society*, [S.L.], v. 36, n. 6, p. 813-837, 5 out. 2022. *SAGE Publications*. <http://dx.doi.org/10.1177/08912432221128545>.

INGOLD, Tim; *Anthropology is Not Ethnography: RADCLIFFE-BROWN LECTURE IN SOCIAL ANTHROPOLOGY*, in Ron Johnston (ed.), *Proceedings of the British Academy*, Volume 154, 2007 Lectures ; Disponível em: <https://doi.org/10.5871/bacad/9780197264355.003.0003>, 2008.

JANE, Emma. *Misogyny Online: A Short (and Brutish) History*. SAGE. Doi.10.4135/9781473916029, 2016.

LEE, Jin. Mediated Superficiality and Misogyny Through Cool on Tinder. *Social Media + Society*, 5(3). <https://doi.org/10.1177/2056305119872949>, 2019.

LIN, Jie Liang. *Antifeminism online*. In: *Digital Environments*. transcript-Verlag, 2017.

LINDSAY, Angus. Incel violence as a reclamation of masculinity and defence of patriarchy on three distinct levels. *New Zealand Sociology* 36(1): 25-49, 2021.

NAGLE, Angela. *Contemporary Online Anti-feminist Movements*. PhD thesis, Dublin City University, Dublin. 2015

NAGLE, Angela. *Kill All Normies: Online Culture Wars From 4chan and Tumblr to Trump and the alt-right*. Zero Books, 2017.

NAGLE, Angela. *The New Man of 4/Chan*. The Baffler, 30, 2016

ORSOLINI, Laura; PAPANTI, Duccio; CORKERY, John; SCHIFANO, Fabrizio. An insight into the deep web; why it matters for addiction psychiatry? *Human Psychopharmacology: Clinical and Experimental*, [S.L.], v. 32, n. 3, p. 1-7, maio 2017. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1002/hup.2573>.

PRESTON, Kayla; HALPIN, Michael; MAGUIRE, Finlay. The Black Pill: new technology and the male supremacy of involuntarily celibate men. *Men And Masculinities*, [S.L.], v. 24, n. 5, p. 823-841, 18 maio 2021. SAGE Publications. Doi: <http://dx.doi.org/10.1177/1097184x211017954>.

RAMAN, Raghu; NAIR, Vinith Kumar; NEDUNGADI, Prema; RAY, Indrakshi; ACHUTHAN, Krishnashree. Darkweb research: past, present, and future trends and mapping to sustainable development goals. *Heliyon*, [S.L.], v. 9, n. 11, p. 22269-22222, nov. 2023. Elsevier BV. Doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.heliyon.2023.e22269>.

ROGER, Eliot. *My Twisted World*, 2014. Disponível em: <https://www.documentcloud.org/documents/1173808-elliott-rodger-manifesto/>.

RUFFO, Emanoella dos Santos. *O fenômeno contemporâneo dos Incels: uma investigação psicanalítica*. UEMA. Dissertação, Maringá, 2024.

SCAPTURA, M; BOYLE. K. (2020) Masculinity threat, “incel” traits, and violent fantasies among heterosexual men in the United States. *Feminist Criminology*, 2020.

SILVA, Ana Carolina Weselovski; HENNIGEN, Inês. Misoginia online: a red pill no ambiente virtual brasileiro. *Feminismos*, v. 12, n. 1, 2024.

SILVA, Ana Carolina Weselovski. *Misoginia online: manosphere e a red pill no ambiente virtual brasileiro*. UFRG, Dissertação. Porto Alegre, 2022.

SUDRÉ, Lu. *Como estão as vítimas do massacre de Suzano, um ano após o ataque?* Brasil de Fato, 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/03/13/como-estao-as-vitimas-do-massacre-de-suzano-um-ano-apos-o-ataque>. Acesso em: 10 de dez de 2024.

TAYLOR, Jane. “The woman who founded the ‘incel’ movement” *BBC*. <https://www.bbc.com/news/world-us-canada-45284455>, 2018. Acesso em: 5 jan de 2025.

TRANCHESE, Alessia; SUGIURA, Lisa. “I Don’t Hate All Women, Just Those Stuck-Up Bitches”: how incels and mainstream pornography speak the same extreme language of misogyny. *Violence Against Women*, [S.L.], v. 27, n. 14, p. 2709-2734, 22 mar. 2021. SAGE Publications. Doi: <http://dx.doi.org/10.1177/1077801221996453>

VAN VALKENBURGH, Shawn. *Digesting the red pill: Masculinity and neoliberalism in the manosphere*. Men and Masculinities, 2018.

Idioma original: Português
Convidado